

CARTOGRAFIAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UM MAPA PARA DIFERENTES NARRATIVAS

Ana Carolina Oliveira

PPGAU - Escola de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal Fluminense

anacarol.mo@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre o papel de diferentes mapas na construção de um roteiro turístico na região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Tem como objetivo identificar as diferentes construções de roteiros para a região portuária da cidade e avaliar a relevância da cartografia para o fenômeno turístico. Para tanto, a proposta é analisar a região portuária da cidade do Rio de Janeiro, a partir de três cartografias distintas: TuristEye (colaborativa elaborada por turistas), RioTur (institucional e oficial) e a proposta pelo Porto EnCantos (com uma interpretação da região apoiada na música). Para tanto foi realizada, primeiramente, uma breve revisão bibliográfica sobre os seguintes referenciais: turismo, mapas, cidade, visibilidade, roteiro e o olhar do turista. Dialogando, fundamentalmente, com os seguintes teóricos: Coriolano, Casco, Santos, Barthes, Gomes, Lynch e Urry. Em um segundo momento, foi realizada uma investigação de mapas turísticos de diferentes épocas. Eles são voltados para a construção de imagens turísticas e/ou informações a respeito de usufruir a cidade e trazem um número significativo de dados sobre a história da evolução urbana e social. Foi fundamental a análise histórica para compreender as mudanças pelas quais a região passou e que estão cristalizadas nas diferentes cartografias expostas. O diálogo entre teóricos do turismo, cartografia, cidade, visibilidade, roteiro e o olhar do turista foi necessário para o entendimento do tema. A análise das três cartografias contemporâneas promoveu a reflexão sobre as narrativas turísticas atuais da região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Destacando que novas cartografias podem enriquecer, aprofundar e rever discursos dominantes sobre a cidade, em particular através da música.

PALAVRAS-CHAVE: cartografia; música; turismo.

CARTOGRAPHIES OF RIO DE JANEIRO CITY: A MAP TO DIFFERENT NARRATIVES

ABSTRACT

This work is a study on the role of different maps in the construction of a sightseeing tour in the port area of the city of Rio de Janeiro. It aims to identify the different buildings scripts for the port area of the city and assess the relevance of cartography for the tourist phenomenon. Therefore, the proposal is to analyze the port area of the city of Rio de Janeiro, from three different mappings: TuristEye (collaborative elaborated by tourists), RioTur (institutional and official) and the Porto EnCantos (with an interpretation of the region supported by music). For that was done, first, a brief literature review on the following references: tourism, maps, city, visibility, script and the tourist gaze. Dialoguing fundamentally with the following theoretical: Coriolanus, Hull, Santos, Barthes, Gomes, Lynch and Urry. In a second step, a research tourist maps from different eras was held. They are meant for the construction of tourist images and / or information regarding enjoy the city and bring a significant number of data on the history of urban and social evolution. historical analysis to understand the changes that the region has and that are crystallized in different exposed cartography was key. The dialogue between theoreticians of tourism, cartography, city, visibility, script and the tourist gaze was necessary for the understanding of the theme. The analysis of three contemporary cartography promoted reflection on the current tourist narratives of the port area of the city of Rio de Janeiro. Noting that new cartographies can enrich, deepen and revise the dominant discourses of the city, particularly through music.

KEY-WORDS: Cartography. Music. Tourism.

INTRODUÇÃO

É ingenuidade pensar que um local pode ser “naturalmente” turístico, esse reconhecimento é uma construção cultural. Ele envolve a criação de um sistema integrado de significados através dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada (CASTRO 1999). Essa construção, em sua maioria, recorre a histórias únicas sobre a cidade, recorrendo a estereótipos que, segundo Freitas e Azevedo (2015), “não são perigosos por serem mentiras, mas por serem incompletos” (FREITAS; AZEVEDO, 2015, p. 72). A cidade e a atividade turística possuem uma relação de interação, “as vezes muda a cidade, muda o turismo; outras vezes, a partir de modificações no mundo do turismo, introduzem-se alterações urbanísticas na cidade.” (CASTRO, 1999, p. 84)

Nesse contexto, os mapas turísticos são como cristalizações das narrativas e das imagens do turismo em determinado momento. Sobre os mapas, Casco (2009) afirma que eles

“podem servir para mostrar ao colonizador a posse do território, ao viajante que rumo seguir para chegar ao lugar planejado, ao turista aonde ir para desfrutar da cidade e conhecer seus atrativos, peculiaridades, exotismos, ou prestar informações práticas como a localização de serviços – agências bancárias, hotéis, agências de correios e telégrafos, terminais rodoviários, estações ferroviárias e aeroportos etc. – na cidade.” (CASCO, 2009, p. 1).

Sendo assim, o presente trabalho é um estudo sobre o papel dos diferentes mapas na construção de um roteiro turístico na região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Tem como objetivo identificar as diferentes construções de roteiros para a região portuária da cidade e avaliar a relevância da cartografia para o fenômeno turístico.

Para tanto, a proposta é analisar da região portuária da cidade do Rio de Janeiro, a partir de três cartografias distintas: TuristEye (colaborativa elaborada por turistas), RioTur (institucional e oficial) e a proposta pelo Porto EnCantos (com uma interpretação da região apoiada na música). Para tanto foi realizada, primeiramente, uma breve revisão bibliográfica sobre os seguintes referenciais: turismo, mapas, cidade, visibilidade, roteiro e o olhar do turista. Dialogando, fundamentalmente, com os seguintes teóricos: Coriolano, Casco, Santos, Barthes, Gomes, Lynch e Urry.

Em um segundo momento, foi realizada uma investigação de mapas turísticos de diferentes épocas. Eles são voltados para a construção de imagens turísticas e/ou informações a respeito de usufruir a cidade e trazem um número significativo de dados sobre a história da evolução urbana e social.

CONTEXTUALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Roland Barthes (1985) entende a cidade como um discurso e, para ele, querer elaborar um léxico de significações para ela é uma tarefa absurda. A um bairro central (zonas exaustivamente estudadas do ponto de vista sociológico) podem-se atribuir diversas funções, em uma lista que deve ser constantemente completada, enriquecida e, ainda assim, esta representará apenas um nível elementar das representações da cidade (BARTHES, 1985). Isso porque, “os significados são como seres míticos, de uma extrema imprecisão, e, num certo momento, tornam-se sempre os significantes de outra coisa: os significados passam, os significantes ficam” (BARTHES, 1985, p.186).

É importante observar que essas representações surgem da relação de reciprocidade identificada por La Rocca (2015) entre a cidade e as pessoas. De forma complementar ele pontua que “um não pode existir sem o outro e que, se a cidade molda os indivíduos com a especificidade de seus espaços, os indivíduos, com suas produções estilísticas e vivências dentro e através do espaço, conotam as características de uma cidade” (LA ROCCA, 2015, p.173).

Dentre os diferentes significados e usos da cidade estão os pensados para turistas e visitantes. Esses dois grupos circulam pela cidade e se esbarram enquanto influenciam e são influenciados pela narrativa da cidade. Os mapas são parte dessa narrativa e orientam os deslocamentos pela cidade. Sobre eles Boaventura de Sousa Santos (2001) pondera que

“Os mapas são talvez o objecto cujo desenho está mais estritamente vinculado ao uso que se lhes quer destinar. Por isso, as regras da escala, da projecção e da simbolização são os modos de estruturar no espaço desenhando uma resposta adequada à nossa subjectividade, à intenção prática com que dialogamos com o mapa (...) A incompletude estruturada dos mapa é a condição da criatividade com que nos movimentamos entre os seus pontos fixos. De nada valeria desenhar mapas se não houvesse viajantes para os percorrer” (SANTOS, 2001, p.224)

De modo complementar, é fundamental refletir sobre os mapas como representações de lugares, aqui entendidos na concepção de Costa (2007):

“O lugar enquanto experiência, espaço vivido, espaço afetado, projeção do espaço mental interior, onde a imagem, em geral, e a cartografia, em particular, são formas de aproximação e representação; uma proposta de geografia da memória que explora os estratos do espaço em busca de lugares. Descobrir os significados outorgados e construir novos significados. (Des)construir a cartografia ou construir sobre a cartografia geométrica uma cartografia do lugar.” (COSTA, 2007, p. 24)

A avaliação de Costa (2007) é fundamental no sentido de ponderar sobre o que não aparece na cartografia turística de uma cidade. Esses mapas, instrumentos políticos, invisibilizam grande parte dos discursos dos moradores sobre a cidade, seus afetos e desafeitos.

Na outra ponta da pesquisa está a música popular carioca. Com sua origem no final do século XIX e início do XX, ele está intimamente ligado à urbanização e ao surgimento das classes populares e médias urbanas (NAPOLITANO, 2002). O autor aponta a música como “tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais” (NAPOLITANO, 2002, p. 7), um instrumento que ajuda a “pensar a sociedade e a história” (NAPOLITANO, 2002, p. 8).

Assim, na contramão da narrativa única sobre a cidade está a música, em particular, o samba, “produto desta apropriação e desse encontro de classes e grupos socioculturais heterogêneos” (NAPOLITANO, 2002, p. 33). O samba canta sobre uma cidade - tecido vivo das relações sociais e campo de investimentos simbólicos (VELLOSO, 2005)

Por ser uma atividade social e econômica dinâmica, diversos teóricos e instituições procuram definir turismo de modo a refletir seu amplo papel na sociedade. A massificação da atividade turística e seus impactos reforçam a importância de se definir parâmetros e conceitos que ajudem estudiosos, sociedade em geral, gestores públicos, profissionais do trade turístico e investidores a compreender as interfaces desse fenômeno. Coriolano afirma que o turismo,

“enquanto prática social é também econômica, política, cultural e educativa, envolvendo relações sociais e de poder entre residentes e turistas, produtores e consumidores. O turismo é simultaneamente ócio e trabalho, produto do modo de viver contemporâneo, cujos serviços criam formas confortáveis e prazerosas de viver, restritas a poucos. (...) A riqueza do turismo está na diversidade de caminhos para sua produção e apreensão, nos conflitos e possibilidades de entendimento desse fenômeno. Ele é, a um só tempo, o lugar das estratégias para o capital e das resistências do cotidiano para os habitantes”. (CORIOLANO, 2006, p.368)

É importante destacar a característica de fenômeno apropriador presente no turismo, já que o que quer que se venha chamar de turístico será sempre uma invenção e, nesta dinâmica, ele pode assumir tantas conotações quantas sejam as políticas que dele se utilizem. Sua capacidade de apropriar-se dos espaços dando a eles novos e múltiplos significados, o torna um fenômeno do qual o sentido dependerá sempre do ambiente onde ocorre e dos objetivos de quem o promove (GAGLIARDI, 2012).

Quando consideramos essa infinidade de significados é importantes considerar o que Urry (2001) chama de olhar dos turistas que, segundo ele, são um exército de semióticos. Ao tecer considerações sobre espacialidade e temporalidade ele afirma que o deslocamento do turista vai muito além do aspecto simplesmente físico, ele implica em uma reeducação do olhar que passa a ser direcionado para aspectos diferentes dos que observamos todos os dias. Assim, quando o visitante percorre a cidade ele se depara com uma infinidade de cenas urbanas, que são fundamentalmente imagens em movimento, experimentadas in loco, em um ambiente urbano carregado sonora e visualmente.

Levando em conta um turista que percorre a cidade espontaneamente, a experiência sensível dessa pessoa certamente incluirá a escolha do percurso onde ela será confrontada com diversos focos potenciais de atenção (comidas, roupas, movimento de veículos, pessoas, sinalizações, sons etc...). Paulo Gomes lembra ainda, que “as coisas terão diferentes importâncias e chamarão a atenção dependendo do tempo disponível e, sobretudo, dos interesses particulares e da sensibilidade de cada um” (2013, p. 203).

Indo além, ele afirma que o deslocamento espaço-temporal realizado pelos turistas e por moradores fazem surgir recortes espaciais distintos que, ao serem analisados conjuntamente, nos possibilitam identificar o espaço de modo mais abrangente. Essa identificação está intimamente ligada ao conceito de visibilidade apresentado por Gomes (2013), onde três elementos são determinantes: local; público e narrativa. Assim, é importante observar que “a visibilidade de um fato ou fenômeno muda segundo as propriedades de sua exposição, segundo a ordem de sua apresentação” (GOMES, 2013 p. 41). Desse modo um percurso seguindo um roteiro pré determinado tem uma narrativa – e consequentemente uma visibilidade – totalmente distinta de um elaborado de forma espontânea pelo caminhante.

Nesse contexto, a construção de imagens faz parte da narrativa da cidade. Barthes afirma que ela “é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala aos seus habitantes, nós falamos a nossa cidade, a cidade onde nos encontramos.” (BARTHES, 1985 p.184).

Quando um visitante se insere nesse discurso ele realiza um exercício de olhar,

“Tais práticas envolvem o conceito de “afastamento”, de uma ruptura limitada com rotinas e práticas bem estabelecidas da vida de todos os dias, permitindo que nossos sentidos se abram para um conjunto de estímulos que contrastam com o cotidiano e o mundano” (URRY, 1996, p. 17)

E esse direcionamento do olhar

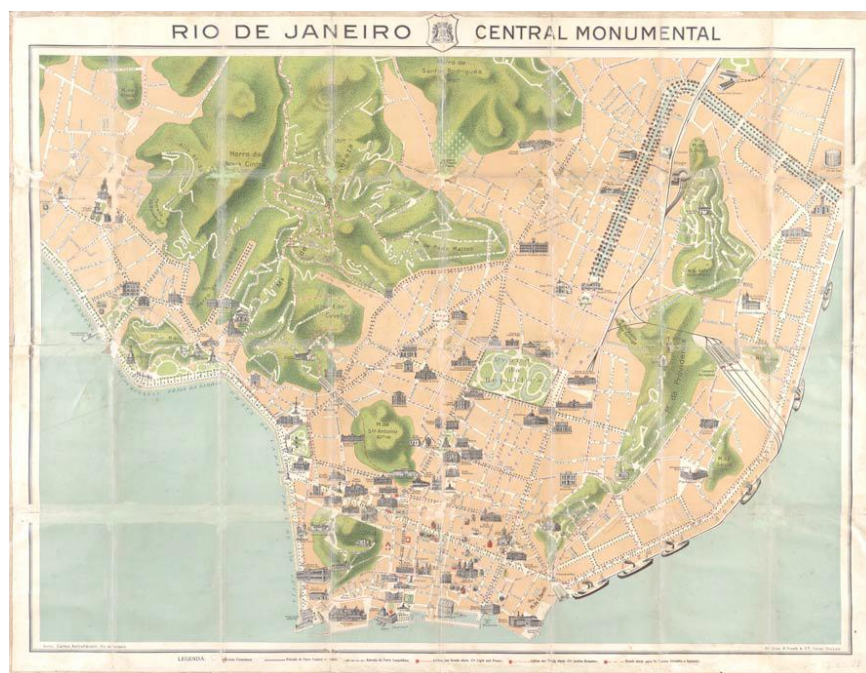
“implica frequentemente diferentes formas de padrões sociais, com uma sensibilidade voltada para elementos visuais da paisagem do campo e da cidade, muito maior do que aquela que é encontrada normalmente na vida cotidiana” (URRY, 1996, p. 18)

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Segundo Castro (1999), o turismo organizado no Brasil começou apenas no início do século XX, tendo como principal centro a cidade do Rio de Janeiro. Essa organização se dá no momento em que se descobre que “a imagem urbana é uma mercadoria que pode gerar grandes lucros, notadamente com o turismo.” (ABREU, 1998, p. 4).

O primeiro mapa (Mapa 1) trata dessa “Cidade Monumental” que vivia sua Belle Époque, um momento onde ocorre a saída da elite da Cidade Velha e é dado à região do porto um tratamento especial de expansão e de modernização, símbolo da porta de entrada oficial da cidade alçada no início do século XX à categoria de metrópole (CASCO, 2009).

Havia desde o final do século XIX um projeto modernizador descrito por Abreu (1998) que incluía a rejeição do passado, abolição dos vestígios e sua superação. Indo além, ele aponta que isso explica porque “foram tão bem sucedidas, no século XX, as reformas urbanísticas radicais que tanto transformaram a face de diversas cidades brasileiras” (ABREU, 1998, p. 4).



Mapa 1: Rio de Janeiro: Central Monumental. 1914. Fonte: CASCO, 2009.

Esse registro (Mapa 1) é o primeiro guia para estrangeiros e apresenta uma cidade civilizada e seus monumentos. Nesse momento, os festejos carnavalescos já faziam parte da cidade, onde os ricos brincavam na Rua do Ouvidor ou nos clubes carnavalescos e os mais pobres, no carnaval de morro concentrado no Morro da Conceição, junto à Praça Mauá e ao Cais do Porto (CASCO, 2009).

O próximo documento (Mapa 2) é importante por ser o primeiro elaborado pela então Secretaria de Turismo da Guanabara. Além disso, consagra a transferência da capital e é claramente veiculada a imagem de “capital cultural e turística” do Brasil, campanha do Governador Carlos Lacerda que dizia ser o “Rio sala de visitas do Brasil” (CASCO, 2009).

Nesse momento, ocorre a consolidação de imagem pública da cidade moderna e preparada para acolher o turismo como uma das várias possibilidades do seu desenvolvimento econômico.



Mapa 2: Rio: passeio à pé pelo Centro. 1964. Fonte: CASCO, 2009.

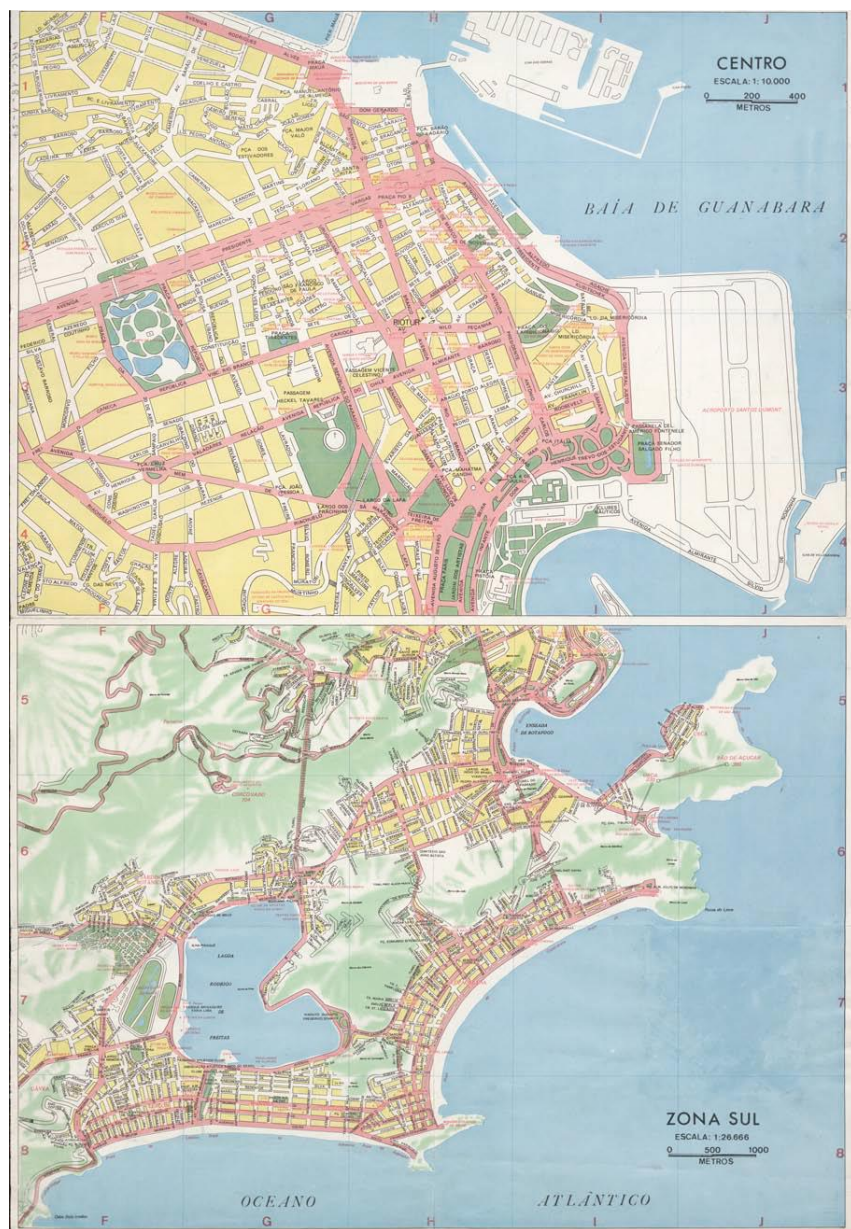
O mapa 2 apresenta sugestões de roteiro à pé pela cidade onde, no Roteiro B, é possível ver a identificação do Mosteiro de São Bento e da Praça Mauá como pontos de interesse turístico. É possível ver, pela primeira vez, que a visão cultural fica claramente associada ao valor histórico de certas áreas e edificações. Casco (2009) destaca, ainda, a possibilidade de percorrer a cidade a pé ao mesmo tempo em que a “febre” rodoviarista se implantava na cidade.

O próximo mapa (Mapa 3) é o primeiro elaborado pela RioTur (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro) e já apresenta a Avenida Perimetral com sua configuração completa. Os anos 1970-90 serão marcados pela inserção de valores culturais entre as mercadorias turísticas a serem oferecidas e todo o potencial histórico que a cidade preservou passa, então, a ser valorizado e explorado pelo turismo (CASCO, 2009). Assim como as manifestações culturais também são valorizadas e funcionam como um outro atrativo da cidade que passa a dispor de um calendário de eventos (CASTRO, 1999).

É interessante notar como a região aparece nos guias e nos mapas turísticos da cidade, como um lugar inicialmente valorizado e vai progressivamente sendo relegada ao esquecimento. Sobre isso, Arnaut (1984) avalia que essa

“é provavelmente a única área que ainda guarda características da espontaneidade de sua ocupação, iniciada no século XVII. (...) Sem passar por transformações abruptas, mas evoluindo gradativamente através dos anos, a área manteve-se, de certa forma, imune à especulação imobiliária que desfigurou a cidade nas últimas décadas. Até mesmo o comércio mantém características que o diferenciam de outras áreas. Sem considerar, é claro, o vigoroso vínculo afetivo que a população mantém com a região, sedimentado ao longo de diversas gerações”. (ARNAUT, 1984, p. 98)

Desde o final dos anos 1980 e meados dos 1990 se debate a questão da revitalização dos bairros portuários, e um dos vieses do processo seria a revitalização através de grandes equipamentos culturais (SILVA; ANDRADE; CANEDO, 2012). É interessantes observar esse tratamento as regiões portuárias como uma tendência em diversas cidades Hall (2011) aponta, por exemplo, para as cidades britânicas, no final dos anos 70, com suas ruínas de fábricas e armazéns que, segundo ele “aguardavam por uma reurbanização” (HALL, 2011, p. 415).



Mapa 3: Mapa turístico do Rio de Janeiro. 1974. Fonte: CASCO, 2009.

Nesse sentido, é fundamental observar que

“As intervenções recentes propostas para a área portuária do Rio de Janeiro estão inseridas em uma lógica onde enunciam-se supostos vazios urbanos, que justificam ações de grande impacto no intuito de “revitalizar” áreas da cidade. Este discurso desconsidera a vida pré-existente nestas regiões, e tem como objetivo sobrepor uma nova forma de viver e habitar a cidade, as custas de seus antigos moradores. Esta nova forma de viver a cidade está mais relacionada com os interesses do turismo e das classes mais altas da sociedade, e permite que milhares de pessoas sejam removidas do local onde moram – sejam favelas, habitações formais de baixa renda ou ocupações de edifícios abandonados – para dar lugar a outra população da cidade.” (SILVA; ANDRADE; CANEDO, 2012, p.11)

O próximo mapa (Mapa 4) é fruto de um levantamento de pontos turísticos e culturais da região encomendado pelo Projeto Porto Maravilha. Ele é um símbolo emblemático dessa ênfase no turismo a despeito da relação dos moradores com sua cidade. Mais uma vez é possível identificar aqui uma tendência em diversas cidades identificada por Harvey (1996), quando ele afirma que “A ênfase no turismo, na produção e no consumo de espetáculos, na produção de eventos efêmeros numa dada localidade representam os remédios favoritos para economias urbanas moribundas.” (HARVEY, 1996, p. 59). Em relação a esse processo Mascarenhas (2014) identifica que ele opera

“no plano simbólico. E este plano se tornou central para a acumulação capitalista, através do controle hegemônico das imagens e informações, cenário ideal para produzir lucrativas ilusões e camuflar as contradições. Mas a cidade mercadoria, espaço abstrato, império do valor de troca, espaço concebido e globalizado, moldada para consumidores, confronta os conteúdos sociais da cidade concreta.” (MASCARENHAS, 2014, p. 63)

Ele pondera ainda que esse processo “se aplica efetivamente a determinados “pedaços” do tecido urbano, justamente por que ao grande capital somente interessa determinados espaços, e não o conjunto da cidade”. (MASCARENHAS, 2014, p. 63).



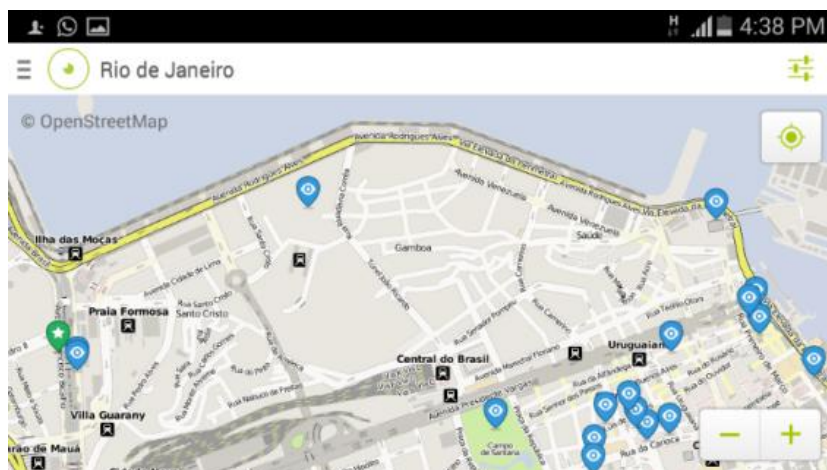
Mapa 4: Pontos Turísticos Culturais da Reg. Portuária. 2012. Fonte: Porto Maravilha. Disponível em: <http://www.portomaravilha.com.br/conteudo/conhecaaregiaio/02-PontosG.JPG> Acesso em: 16 jul. 2015.

ANÁLISE

Considerando o breve panorama apresentado é importante pontuar a capacidade do fenômeno turístico de apropriar-se dos espaços dando a eles novos e múltiplos significados, o torna um fenômeno do qual o sentido dependerá sempre do ambiente onde ocorre e dos objetivos de quem o promove (GAGLIARDI, 2012). Assim, é possível identificar no fenômeno turístico a capacidade de valorizar o diverso, o múltiplo, em lugar da história única (GAGLIARDI, 2012), “ele é, a um só tempo, o lugar das estratégias para o capital e das resistências do cotidiano para os habitantes” (CORIOLANO, 2006, p.368).

Assim, enquanto por um lado o turismo reforça a dominação e as desigualdades, por outro lado, o mesmo turismo pode promover a revisão de valores históricos e afetivos, inserindo novos sujeitos na história e considerando aspectos subjetivos e identidades marginalizadas. nesse contexto é fundamental refletir em relação aos estereótipos que “as pessoas são muito mais do que simplesmente um rótulo, suas vidas se constituem de uma multiplicidade de histórias e não de uma história única” (FREITAS; AZEVEDO, 2015, p.72).

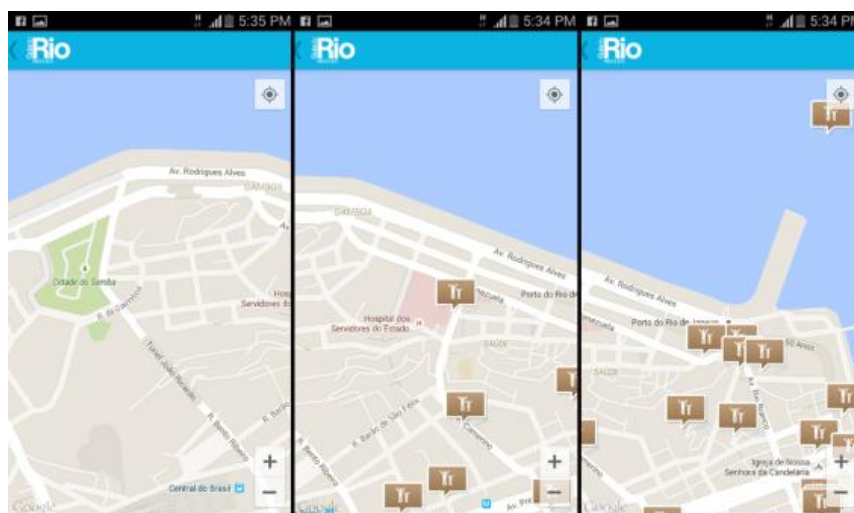
Nesse sentido, a cartografia tem um papel preponderante nesse processo e as três analisadas na sessão tem narrativas bastante diferentes para a região portuária da cidade do Rio de Janeiro. A primeira é a cartografia do TouristEye (mapa 5) é colaborativa, elaborada por visitantes e vinculada a empresa Lonely Planet (uma das empresas líder em guias de viagem). Ele é uma ferramenta que através do recurso cartográfico ajuda a criar roteiros de viagem, mostra dicas de quem já passou pelos lugares que você pretende visitar. Também é possível comentar e avaliar locais.



Mapa 5: TouristEye. Fonte: print screens do aplicativo no sistema operacional Android.

É importante destacar que a cartografia colaborativa elaborada pelos visitantes apresenta, de forma tímida, os locais de interesse turístico na região portuária (mapa 5). Os poucos pontos identificados são: a Cidade do Samba e a Praça Mauá.

A segunda proposta cartográfica (mapa 6) é oficial, elaborada pela Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro. É um aplicativo com interface simples mas limitada que não permite, por exemplo, girar o mapa. É possível observar que o mapa turístico institucional da cidade do Rio de Janeiro introduz novos atrativos turísticos como o Cais do Valongo, com um apelo histórico cultural. Entretanto, ainda é um mapa que apresenta grandes vazios na região.



Mapa 6: RioTur. Fonte: print screens do aplicativo no sistema operacional Android.

Por fim, a terceira cartografia (mapa 7) é parte do projeto Porto EnCantos que une música, história e tecnologia aos vários cantos da Região Portuária. Através de pins demarcados no mapa é possível assistir aos vídeos que, além das músicas, apresentam imagens históricas e entrevistas e relatos contextualizando importância daquele lugar. O traçado e a escolha dos vinte pontos de interesse procuram contemplar uma região bastante heterogênea, que passa por profundas transformações, em sua maioria, arbitrárias.



Mapa7: Porto EnCantos. Fonte: print screens do aplicativo no sistema operacional Android.

É importante destacar que a identificação de locais de interesse turístico está intimamente ligada ao conceito de visibilidade apresentado e também ao diálogo com a cidade. Gomes (2013) afirma que a visibilidade se apoia em três variáveis a morfologia do lugar, o público e a narrativa. Nesse sentido, a ferramenta Porto EnCantos oferece recursos para uma nova narrativa da região portuária. O recorte geográfico também desempenha um papel fundamental nessa narrativa. Gomes lembra que “espaços públicos centrais possuem um papel fundamental na definição da esfera de significações, geram capital simbólico, contaminam leituras, orientam narrativas que se associam as imagens.” (GOMES, 2013, p.270).

Outro ponto relevante é o traço sensível que se estabelece através da música. Há um apelo as emoções que para Siqueira (2015) são elementos constituintes na construção de representações, reforço de imaginários e produção de sentidos. É interessante observar ainda a música como um traço da representação coletiva¹ dos moradores da região que passa a incorporar o imaginário dos visitantes que realizam o percurso proposto na ferramenta.

Levando em conta as inúmeras possibilidades de traçado para explorar a região portuária com a ferramenta, fica a cargo do usuário determinar seus pontos de interesse. Tendo como fio condutor a música, é estabelecida uma coerência nos trajetos. Uma vez que “a coerência é dada ou construída por aquele que a observa e dependerá da maneira que ele o faz, do foco de suas observações e do fio condutor de leitura que for utilizado por esse observador” (GOMES, 2013, p.197).

Mesmo tendo como base a linguagem musical, no momento em que o caminhante percorre seus pontos de interesse na região portuária os diversos sentidos estão em operação. Lynch afirma que quando caminhamos pela cidade “quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles” (LYNCH, 1997, p.2).

Como foi visto a identificação do espaço, dos pontos de interesse tem um papel fundamental em como dialogamos e nos apropriamos da cidade. Assim, a seleção elaborada pelos desenvolvedores do projeto Porto EnCantos tem, em certa medida, um papel nessa linguagem da cidade defendida por Barthes. Kevin Lynch afirma que “se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá empregar-lo de seus próprios significados e relações. Então se tornará um verdadeiro lugar, notável e inconfundível” (LYNCH, 1997, p.102).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou investigar o papel dos diferentes mapas na construção de um roteiro turístico na região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto foi fundamental a análise histórica para compreender as mudanças pelas quais a região passou e que estão cristalizadas nas diferentes cartografias expostas. O diálogo entre teóricos do turismo, cartografia, cidade, visibilidade, roteiro e o olhar do turista foi necessário para o entendimento do tema.

A análise das três cartografias contemporâneas promoveu a reflexão sobre as narrativas turísticas atuais da região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Destacando que novas cartografias podem enriquecer, aprofundar e rever discursos dominantes sobre a cidade, em particular através da música.

O processo de isolamento e marginalização da região portuária foi decisivo na sua preservação e construção de laços com seus moradores – um “vigoroso vínculo afetivo que a população mantém com a região, sedimentado ao longo de diversas gerações” (ARNAUT, 1984, p. 98).

Nesse contexto, Lynch (1997) pondera que uma cidade deve falar de seus indivíduos, sociedade, tradições, natureza. Assim, é urgente a reflexão sobre cartografias que busquem dar voz a cidade e suas diversas narrativas, em particular a região portuária da cidade do Rio de Janeiro.

¹ Para Siqueira (2015) Representações Coletivas “são aquelas testadas e transmitidas de geração em geração no âmbito de um grupo social e que constituem as visões de mundo do grupo” (SIQUEIRA, 2015, p. 19)

REFERÊNCIAS

- ARANTES, O. B. F. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ARNAUT, Jurema K.E. Morro da Conceição: uma proposta de preservação sem tombamento. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no. 19, 1984. pp 97-111
- BANDUCCI JÚNIOR, A. Turismo e antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro e BARRETO, Margarita (Orgs.). Turismo e identidade local – uma visão antropológica. 2ªEd. Campinas: Papirus, 2002.
- BARTHES, R. A aventura semiológica. Lisboa: Edições 70, 1985
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Editora da USP; Porto Alegre: Zouk, 2007
- CASCO, A. C. J. Rio de Janeiro – uma cidade tra(duz)ida pelos mapas. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: BN, 2009.
- CORIOLOANO, L. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. Em publicação: América Latina: cidade, campo e turismo. São Paulo: Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, 2006.
- COSTA, F. A. Atlas Histórico de Cidades: a cidade como objetivo de investigação. Cadernos PPG-AU/UFBA, v. 6, edição especial (2007).
- FREITAS, R. F. ; AZEVEDO, E. C. Emoções nos corpos loucos em Caminho das Índias. In: A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação. (Org.) Denise da Costa Oliveira Siqueira. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- GAGLIARDI, C. As cidades do meu tempo: turismo, história e patrimônio em Bananal. São Paulo: Editora Annablume, 2012.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GOMES, P. C. O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- HARVEY, D. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- LA ROCCA, F. A encenação do corpo e suas formas expressivas na cidade. In: A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação. (Org.) Denise da Costa Oliveira Siqueira. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- LESSA, C. O Rio de todos os Brasis. 2 edição. Rio de Janeiro, São Paulo, Editora Record, 2001.
- LYNCH, K. A Imagem da Cidade. São Paulo, Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.
- MASCARENHAS, G. Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos. Caderno Virtual de Turismo. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.52-s.65, nov. 2014.
- NAPOLITANO, M. História & música – história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SANTOS, B. S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- SILVA, M. L. P.; ANDRADE, L. S.; CANEDO, J. Múltiplas faces do porto do Rio ou onde reside a maravilha: a riqueza socioespacial da moradia popular. In: VAZ, Lilian Fessler; REZENDE, Vera F.; MACHADO, Denise Pinheiro (Org). Centros urbanos: transformações e permanências. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa 8: PROURB, 2012.
- SIQUEIRA, D. C. O. Corpo, construção social das emoções e produção de sentidos na comunicação. In: A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação. (Org.) Denise da Costa Oliveira Siqueira. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- URRY, J. O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: SESC, 2001.
- VELLOSO, M. Falas da cidade: conflitos e negociações em torno da identidade cultural no Rio de Janeiro. ArtCultura. Uberlândia. V.7 n. 11. P. 159-172. 2005